

AS CONTRIBUIÇÕES FILOSÓFICAS DE PAULO FREIRE E A LINGUAGEM NA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DE HEIDEGGER PARA UM ENSINO CONTEMPORÂNEO

Peterson Gonçalves Teixeira (UENF)

petersongoncalvesteixeira@gmail.com

Amaro Sebastião de Souza Quintino (UENF)

amarotiao@yahoo.com.br

Crisóstomo Lima do Nascimento (UENF)

crisostomoln@gmail.com

Jackeline Barcelos Corrêa (UENF)

jack.barcelos1@hotmail.com

RESUMO

O ensino contemporâneo tem buscado nas últimas décadas, em particular, aproximações entre a linguística, a linguagem e a educação, com foco em discutir a visão de comunicação que Paulo Freire apresenta em alguns de seus livros, a partir da elaboração crítica dos teóricos do discurso sobre o processo comunicativo. Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo refletir sobre a filosofia de Paulo Freire e Heidegger no qual enfoca que o ensino consiste na maneira de educar e que está vinculado ao cotidiano dos estudantes. Concomitantemente pretende-se fazer uma análise da linguagem fenomenológica de Heidegger e do conhecimento baseado na coisificação. Pesquisadores como: Freire (2005), Almeida (2005), Carneiro (2006), Prado (2008), Heidegger (2002; 2003; 2005; 2006; 2012) entre outros foram consultados para a realização do trabalho. Metodologicamente consiste na revisão bibliográfica com base nos estudos do Gil (2012), baseada também em estudos de livros e artigos científicos, cujas fontes teóricas embasam na busca de respostas sobre o tema abordado. Por fim, observa-se que a comunicação está presente, e é algo vital na vida do ser humano. Constatou-se que a linguagem é o sistema pelo qual o homem comunica suas ideias e sentimentos, porém, no mundo globalizado em que se vive é necessário se atentar para esse novo modo de interação, que é o modelo virtual, mantendo a conexão com o mundo.

Palavras-chave:

Educação. Linguagem. Análise Fenomenológica.

ABSTRACT

In recent decades, contemporary teaching has sought approaches between linguistics, language and education, with a focus on discussing the vision of communication that Paulo Freire presents in some of his books, based on the critical elaboration of discourse theorists about the communicative process. In this sense, this article aims to reflect on the philosophy of Paulo Freire and Heidegger, which emphasizes that teaching is the way of educating and that it is linked to the daily lives of students. At the same time, it is intended to make an analysis of Heidegger's phenomenological language and knowledge based on objectification. Researchers such

as: Freire (2005), Al-meida (2005), Carneiro (2006), Prado (2008), Heidegger (2002, 2003, 2005, 2006 and 2012) among others were consulted to carry out the work. Methodologically, it consists of a bibliographical review based on Gil's studies (2012), also based on studies of books and scientific articles, whose theoretical sources are based on the search for answers on the topic addressed. Finally, it is observed that communication is present, and is something vital in human life. It was found that language is the system by which man communicates his ideas and feelings, however, in the globalized world in which we live, it is necessary to pay attention to this new mode of interaction, which is the virtual model, maintaining the connection with the world.

Keywords:

Education. Linguagem. Phenomenological Analysis.

1. Introdução

Atualmente a compreensão dos estudos fenomenológicos pode ser percebida em experiências de participação dialógica do diferente na vida social, também de situações contrapostas como as práticas de exclusão das minorias, racismo, preconceito, exploração. Nesse ínterim, pode-se destacar Paulo Freire e Heidegger no campo da educação, devido às ideias inovadoras, a partir dos pensamentos filosóficos, que deixou um legado na Pedagogia e para a Educação de modo geral. Inúmeras são suas contribuições e podem trazer ao pensamento das práticas de ensino de qualquer campo do conhecimento, visto que seu pensamento ainda permanece atual.

Freire foi um incansável defensor da educação pública como instrumento da emancipação do sujeito, histórica e culturalmente condicionado. Em seu pensamento, o homem é um Ser-no-mundo, inserido numa cultura, numa sociedade e num momento histórico que deve ser lido, interpretado e compreendido a partir de um ponto de vista crítico, que é baseado nas relações intersubjetivas e dialógicas, mediadas pelo processo educativo-crítico, concebido como forma de emancipar os indivíduos de uma forma mágica e ingênua e consciente.

O presente trabalho explorou a Filosofia de Paulo Freire e suas considerações para o ensino, relatando a importância de a escola estar presente na sociedade, sabendo que a mesma se destina ao desenvolvimento do ser humano. E com isso, é necessário que haja um educador que tenha um profundo conhecimento do próprio homem. Ele menciona que a linguagem é um conjunto de ações que servem como uma forma de intercâmbio para as mais variadas maneiras de relacionamento entre os sujeitos.

Assim, enquanto categoria de compreensão é concebida pelo autor ter cuidados na relação com a alteridade e a dialogia que esta relação implica, a mostrar que somos na nossa voz, muitas vozes e não se pode confundir autoridade com autoritarismo.

Nessa perspectiva, traz-se a fenomenologia sob a ótica de Martin Heidegger, na qual se trata o modo como o real se manifesta, o que, a rigor, significa como o ser das coisas aparece e se dá. O autor delinea a linguagem como ponto central do existir humano, considerada como a morada do Ser e é nela que o Ser se desvela.

Na concepção de Freire é preciso que o professor conheça a realidade dos seus alunos, a partir de um diagnóstico que favoreça a ele conhecer algumas das dificuldades apresentadas. Logo, a partir daí, promover as intervenções necessárias, a fim de que o aluno supere suas limitações, e o professor tenha um bom desempenho no momento de trabalhar os conteúdos, para que possa atingir os objetivos esperados.

Sendo assim, é notório observar que a linguagem é algo vital para o homem e a forma propriamente humana da comunicação, da relação com o mundo e com os outros. Considera-se que com o avanço da tecnologia de informação e da comunicação, os sujeitos sociais se adaptaram aos novos hábitos, valores, conhecimentos, formas de pensar e novas formas de se comunicarem.

2. *A gênese ideológica de Paulo Freire*

Paulo Freire possui uma concepção original sobre educação, que é conhecida como instrumento de libertação, como o processo dialético de conscientização, ele lutou por uma educação de qualidade, e pelas classes trabalhadoras, visto que se preocupava com formação pedagógica dos educadores, e dizia que a educação acontecia de uma forma coletiva, que educador e o educando aprendem juntos, na troca de experiências, articulando-a com o contexto social e político. Nas palavras do próprio Freire (2002):

É reacionária a afirmação segundo a qual o que interessa aos operários é alcançar o máximo de sua eficácia técnica e não perder tempo com debates “ideológicos” que a nada levem. O operário precisa inventar, a partir do próprio trabalho, a sua cidadania que não se constrói apenas com sua eficácia técnica, mas também com sua luta política em favor da recriação da sociedade injusta, a ceder seu lugar à outra menos injusta e mais humana. (FREIRE, 2002, p. 114)

Para entender o pensamento antropológico e filosófico nas obras de Freire, parte-se da concepção do ser humano com na visão como um todo, e o ponto de partida é a análise sociológica, política e educacional em todo o contexto. Freire (2004), nunca deixou de lutar pela transformação da sociedade e de questionar o poder dominante, em seus escritos sempre enfatizou que

(...) nunca abri mão do sonho da mudança radical, da luta pela construção de uma sociedade igualitária, tanto do ponto de vista econômico e democrático como do ponto de vista político, racial, sexual e educacional: “E é por isso também que é possível, em qualquer sociedade, fazer algo institucional e que contradiz a ideologia dominante. Isso é o que eu chamo de uso dos espaços de que a gente dispõe.”. (FREIRE, 2004, p. 38)

A ideologia de Freire aborda uma metodologia educacional que desse oportunidade a todos, desde os menos favorecidos, até aqueles que acreditavam em seu fazer pedagógico, os educadores. Ele produziu diversas obras que são praticadas na atualidade, pelos seus seguidores e amantes da educação, que consiste em uma maneira de educar, com os elementos que estão conectados ao cotidiano dos estudantes e às experiências que eles já possuem. Logo, as características do termo educação estão profundamente ligadas à sua pessoa, pois é um homem que fez da educação meta de sua vida e de suas atividades. Freire, (1994, p. 225) afirma que: “A pessoa conscientizada é capaz de perceber claramente, sem dificuldades, a fome como algo mais do que seu organismo sente por não comer, a fome como expressão de uma realidade política, econômica, social, de profunda injustiça”.

A vocação para educar de Paulo Freire veio das suas experiências no Nordeste do Brasil, onde grande parte da população vivia em situação de extrema situação de pobreza e analfabetismo, na qual colocava o homem numa condição de objeto, de coisa, de ser menos, de o ser humano anular em si o sentido de sua vocação ontológica, ou seja, ser sujeito de seu agir e da própria história.

Jorge (1979) aponta que

Libertar, pois, o homem oprimido desta realidade desumanizante, desta “coisificação”, desta situação de “objetos”, de ser “menos”, para ser “mais”, isto é, adquirir a própria dignidade humana perdida, realizar a sua vocação histórica, tornou-se o objetivo principal de Paulo Freire e o ideal de sua luta. (JORGE, 1979, p. 24)

Para tanto, ele previu a necessidade de criar um método pedagógico no diálogo entre professor e aluno, procurando transformar o estudan-

te em um aprendiz ativo que, como forma de arrancar as pessoas da situação de manipulação e restituir a elas, a sua vocação humana, isto é, a Pedagogia seria o caminho que possibilitaria a prática da liberdade, de transformação social como forma de reconhecer e reivindicar direitos. Um dos aspectos mais marcantes da ideologia de Freire é sua concepção de liberdade, sua origem e desenvolvimento. Para o autor, liberdade, educação, conscientização e diálogo estão intrinsecamente ligados, justapostos (Cf. FREIRE, 1994).

De acordo com a gênese ideológica de Paulo Freire, cabe ressaltar que o seu pensamento é totalmente genuíno, ou seja, a obra é de sua autoria e foi constituída através das suas experiências de vida, provém de sua concepção de verdade e sinceridade, é gerada pela luta e empenho pela libertação do homem oprimido, princípio dinamizador de suas atividades (Cf. FREIRE, 1994).

Na concepção de Paulo Freire (1997, p. 38) “a educação é uma forma de intervenção no mundo”, pois ele acreditava que o homem através da educação poderia transformar o mundo de forma política, crítica e democrática. E cabe ao professor o dever de aperfeiçoar e modificar sua prática, valorizando a bagagem social e cultural dos alunos, fazendo da aprendizagem uma troca de conhecimentos.

Em consonância com Freire (2005, p. 86), “educadores e educandos se fazem sujeitos do seu processo”. Portanto, a relação entre professor e aluno carece de um constante momento de harmonia, para que haja conhecimento e aprendizagem. Sendo assim, o professor não é aquele que apenas transmite conhecimento, mas de uma forma coletiva faz uma troca de experiência, buscando trazer para sala de aula uma bagagem cultural visando o social, permitindo a reciprocidade entre as pessoas, a elaboração e apropriação crítica da realidade por parte dos educandos, bem como, dos educadores, como afirma Gayato (1989):

[...] em Paulo Freire, a abordagem da educação não é unilateral. Não há uma relação linear de poder, mas um processo dialético em que educador e educando estão imersos numa aventura de descoberta compartilhada. Por isso é [a educação] uma concepção revolucionária, comprometida com a libertação humana. (GAYATO, 1989, p. 12)

Entretanto, para que o diálogo possa alcançar o objetivo de libertação, sendo o verdadeiro instrumento, Freire coloca diversas exigências, as quais se constituem os componentes fundamentais do diálogo libertador que são o amor, a humildade, a fé e confiança nos homens e a esperança. A partir daí, não testifica os homens que não sejam capazes de

comunicação porque, por natureza, é um ser latente da linguagem. Ora, os homens se comunicam pela palavra, assim, toda palavra autêntica é *práxis* e a prática, é ação e reflexão dos homens sobre o mundo com o objetivo de transformá-lo.

A transformação do mundo é um dever de todos os homens. Esta, porém, segundo o pensamento freireano, não deve ter como modelo ou método a luta armada. A verdadeira transformação é a da denúncia de um mundo injusto e a proclamação de um mundo mais justo e equânime. Ora, se ao homem compete esta transformação como sujeito, a ele compete esta denúncia e este anúncio. Tal ele o faz com a palavra. Pela sua palavra, pois, o homem é alçado ao ápice de sua história: sujeito da criação e recriação da história do mundo e dele. Com ela, o homem vai fazendo a verdadeira história, “pronunciando o mundo”. E este, problematizado, “retorna, por sua vez, aos sujeitos pronunciantes, exigindo deles um novo pronunciamento”. E deste modo, o homem vai criando, transformando e humanizando o mundo e a si. Nesta perspectiva – a palavra criadora e transformadora. [...] “imita a palavra divina que é criadora por excelência”. (JORGE, 1979, p. 48-9)

Destarte, compreende-se que o diálogo é a ferramenta primordial para se descobrir a educação problematizadora e é a tentativa de renovação da sociedade comunicativa com intencionalidade de uma educação dialógica.

Logo, é por meio do diálogo que se elabora o conteúdo da educação, pois este não é trazido pronto, mas concebido e realizado no grupo, nasce das situações históricas dessa comunidade educativa e educadora, simultaneamente. Sendo assim, percebe-se em Paulo Freire que a significação do mundo e a conscientização se estabelecem na relação com o outro, isto é, o *locus* de transformação da realidade que se dá na alteridade.

3. As diferenças entre a fenomenologia de Heidegger e Husserl

Se tratando de fenomenologia cabe destacar que ela busca indagar pelo sentido do ser a partir da investigação pelo sentido do ser da existência. Foram introduzidas por Edmund Husserl (1995), no início do século XX, por meio de sua obra intitulada *Investigações Lógicas*.

O termo fenomenologia vem do grego *phainómenon* e significa aparecer ou manifestar-se. Ele foi usado pela primeira vez, através do filósofo e matemático Johann Lambert, no século XVIII, com o intuito de caracterizar a ciência das aparências. Pode-se dizer que se trata de um modo de filosofar que evidencia a busca da verdade “em carne e osso”

nas mesmas coisas, descrevendo como os fenômenos aparecem e se manifestam à consciência.

Husserl (1995), por meio de seu método fenomenológico, tinha como objetivo evidenciar, por meio de uma análise da consciência em sua relação com o mundo da vida, as estruturas das experiências humanas da realidade. E Heidegger (2002), por meio da fenomenologia de Husserl e as escolas fenomenológicas que surgiram, superou toda tradição filosófica ocidental, abrindo horizontes para novas concepções, trazendo assim um novo começo para a filosofia. Assim, a fenomenologia de Heidegger trata o modo como o real se manifesta, o que, a rigor, significa como o ser das coisas aparece e se dá.

[...] O caminho que Heidegger segue para extrair o conceito formal de fenomenologia do fenômeno se concentra num esclarecimento dos dois é-timos que compõem o termo fenomenologia, fenômeno e Logos. Fenômeno remete para o que se mostra, se abre e se revela por si mesmo, como é e ou como não é em si mesmo [...] Heidegger esclarece este sentido da fenomenologia dos fenômenos, tanto no exercício privativo de demonstração da aparência, como no exercício remissivo do que não aparece, mas se anuncia na manifestação. É que tudo que se mostra a si mesmo está sempre numa dupla possibilidade de demonstração, a saber, na possibilidade de mostrar-se tal como é em si mesmo, e na possibilidade de mostrar-se tal como não é em si mesmo. (CARNEIRO, 2006, p. 17)

Heidegger apesar de seguidor e amigo de Husserl critica a fenomenologia transcendental de seu mestre em se tratando da filosofia transcendental e a ontologia enquanto tais. Em sua concepção, a filosofia é ontologia e a fenomenologia uma via de acesso, ou seja, um método para a ontologia. Ao contrário, Husserl compreende que a fenomenologia e filosofia coincidem, enfim, se equivalem.

Se tratando de fenômeno corroborado por Husserl e Heidegger têm um entendimento bastante diverso, e de acordo com Heidegger, “Deve-se manter, portanto, como significado da expressão ‘fenômeno’ o que se revela, o que se mostra em si mesmo (...), ‘os fenômenos’, constituem, pois, a totalidade do que está à luz do dia ou se pode pôr à luz” (HEIDEGGER, 2002, p. 58). Assim, a fenomenologia nasce, com o projeto *husserliano*, associada à lógica e à teoria do conhecimento, e se desenvolve e ganha força com seu pertencimento à hermenêutica e ao existencialismo, a partir de Heidegger.

Carneiro (2006) elucida:

O sentido, portanto, em que a fenomenologia constrói os conhecimentos filosóficos, é duplo: é negativo e positivo, ao mesmo tempo. Negativa-

mente, a fenomenologia não se apoia em nenhum conhecimento já dado e, positivamente, ela se vale dos conteúdos da reflexão exercida sobre percepções intencionadas. É neste duplo sentido que cumpre e realiza o princípio da ausência de pressuposição [...] Heidegger está de acordo que a fenomenologia de todo fenômeno nasça, provenha e se constitua no doar-se de uma intuição originária. Mas não está de acordo que esta intuição seja de conteúdo reflexivo. (CARNEIRO, 2006, p. 14)

A análise fenomenológica parte daquilo que aparece, e o que aparece é o ser mesmo, livre de categorias. As “coisas” não estão diante de mim, não são objeto. Husserl ao contrário, toma como fio condutor de sua pesquisa a intuição de essências como o fenômeno de toda consciência. Heidegger (2012) analisa primeiro o conceito de fenômeno:

A expressão grega *phainómenon*, à qual remonta ao termo “fenômeno, deriva do verbo *phainesthai*, que significa mostrar-se; *phainómenon* significa, portanto, o que se mostra, o se-*mostrante*, o manifesto. *Phainesthai* é, ele mesmo, uma formação média de *phaino*, trazer à luz do dia, pôr em claro; *phaino* pertence à raiz *pha* – como *phos*, a luz, o claro, isto é, aquilo em que algo pode se tornar manifesto, pode ficar visível em si mesmo. Como significação da expressão “fenômeno” deve-se, portanto, reter firmemente: *o-que-se-mostra-em-si-mesmo*, o manifesto. Os *Phainomena*, os “fenômenos” são então o conjunto do que está à luz do dia ou que pode ser posto em claro, aquilo que os gregos às vezes identificarem simplesmente com *taonta* (o ente). Ora, o ente pode se mostrar, a partir de si mesmo, de diversos modos, cada vez segundo o modo-de-acesso a ele. (HEIDEGGER, 2012, p. 103)

O termo “fenomenologia”, em Heidegger, resulta da composição de duas palavras gregas: *phainomenon* (*phainestai*) e *logos*. Sobre *logos* ele nos diz: “(...) *logos* deixa e faz ver (*phainestai*) aquilo sobre o que se discorre e o faz para quem discorre (...) e para todos aqueles que discursam uns com os outros” (HEIDEGGER, 2002, p. 62).

De acordo com o autor, a lógica perdeu o seu sentido básico de *apofanzis*, deixar e fazer ver o discurso. O fenômeno tem que vir ao meu encontro e não o inverso. Em consonância com Heidegger, o ser apenas pode ser tematizado num saber ontológico, porque o ente ao qual constitui uma relação já de modo assinalado é entendido antecipadamente e pré-ontologicamente imerso na sua existência fática concreta e na sua historicidade. Na concepção de Husserl, o ente é o transcendente posto pela tese existencial e que, na redução, é convertido em significação eidética. O objeto intencional não tem, por definição, “validade ontológica”, como apontado por Heidegger (2002):

Fenomenologia é a via de acesso e o modo de verificação para se determinar o que deve constituir tema da ontologia. A ontologia só é possível

como fenomenologia. O conceito fenomenológico de fenômeno propõe como o que se mostra, o ser dos entes, o seu sentido (...) a fenomenologia é a linguagem dos fenômenos que são, seja na consciência e sua constitutiva intencionalidade, seja fora da consciência, tanto no pré-consciente, no subconsciente ou inconsciente, como no extra-consciente. Sem a vigência do ser num advento de realização de sua verdade não se dá nem se pode dar consciência e intencionalidade. (HEIDEGGER, 2002, p. 66)

De todas as discussões a respeito da divergência entre a fenomenologia de Husserl e de Heidegger, podemos perceber que gira em torno da orientação transcendental da investigação fenomenológica, visto que para Heidegger, o problema da constituição transcendental do “mundo” é um problema de natureza ontológica; e para Husserl, a problemática transcendental teria outra natureza, completamente diversa da investigação ontológica, porque, supostamente, o “transcendental” não se localizaria na constituição de ser de um ente.

A radicalidade da fenomenologia husserliana consiste justamente no projeto de reconsiderar o mundo, isto é, a totalidade do ente, a partir da suspensão de toda e qualquer tese de existência, logo, a partir da neutralização de toda e qualquer ontologia enquanto conhecimento da realidade. Recua-se da experiência natural do ente em si mesmo para a esfera imanente da subjetividade, entendida como “lugar originário de toda formação objetiva de sentido e de toda validade de ser”. Esse lugar, o “lugar do transcendental”, precisamente por ser o lugar em que se constitui originariamente o ente em sua totalidade, não é ele mesmo “absolutamente nada de ente”. (VALENTIM, 2009, p. 217)

Assim, tem-se que, para Husserl, ao contrário do que sustenta Heidegger, a redução fenomenológica é indiferente ao ente “em seu ser”. Somente assim é que se pode elevar ao ser, isto é, passando pela necessidade de interpretar um ente assinalado que de pronto e no mais das vezes se encontra aberto e exposto ao ser. Logo, para Heidegger, “o homem não é, portanto, jamais infinito e absoluto na criação do próprio ente, mas, ele é infinito no sentido da compreensão do ser”, o que precisamente por se diferencia por ser o lugar em que se constitui originariamente o ente em sua totalidade.

4. A linguagem e comunicação no ensino à luz de Heidegger e Freire

A filosofia de Heidegger delinea a linguagem como ponto central do existir humano, considerada como a morada do *Ser* e é nela que o *Ser* se desvela. Assim, para se fazer uma compreensão entre a fala e a linguagem, tem-se a afirmação de Almeida (2005, p. 201) ao parafrasear Heidegger, revela que a função da fala é “(...) desocultar tudo o que é

próprio do ser-no-mundo” e que ela é originária do existir humano tanto quanto, o sentir e compreender, para dar-lhe sentido se articula com a interpretação trazida pela linguagem.

Nessa perspectiva, a linguagem é de fato, a via de representação da realidade, não reduzida a um objeto, mas sendo fundamentada por uma rede de significados, e mostra o fenômeno tal qual ele é. “O homem fala à medida que corresponde à linguagem”, afirma Heidegger (2003, p. 26). E Almeida (2005, p. 203) acrescenta que “a fala comunica sentidos e a linguagem, expressão da fala, articula significados, possibilitando que os falantes se tornem comuns”.

Segundo uma antiga tradição, nós somos aqueles seres capazes de falar e, assim, aqueles que já possuem a linguagem. A capacidade de falar, ademais, não é apenas uma faculdade humana, dentre muitas outras. A capacidade de falar distingue e marca o homem como homem. Essa insígnia contém o desígnio de sua essência. O ser humano não seria humano se lhe fosse recusado falar incessantemente e por toda parte, variadamente e a cada vez, no modo de um ‘isso é’, na maior parte das vezes, impronunciado. À medida que a linguagem concede esse sustento, a essência do homem repousa na linguagem. Somos, antes de tudo, na linguagem e pela linguagem. (HEIDEGGER, 2003, p. 191)

É fundamental entender que a linguagem vai além da simples comunicação que é exercida por duas ou mais pessoas: ela compreende também o conceito que, depois que se aprende a falar, torna-se uma linguagem racional. Ademais, é comum pensar na linguagem como veículo de expressão que vincula o que está dentro com o que está fora do homem, da mesma forma que a fala é pensada numa atividade que acontece por meio do homem. Torna-se necessário delinear os aspectos ontológicos existenciais e ressaltar que não é o homem quem ‘tem’ a linguagem por ter a capacidade de falar, mas é a linguagem que desvela o modo no qual se manifesta o homem ‘sendo’. Para além de uma mera função comunicativa, a fala pode tornar-se íntima, proporcionar um espaço de abertura à dimensão (Cf. PRADO, 2008).

O ‘poder-escutar’ é oportunizado por meio do silêncio, quando o Dasein em sua abertura própria, tem algo a recitar. “Fala e escuta se fundem na compreensão” afirma Heidegger (2005, p. 223). No decorrer pela dimensão da fala, ao se atentar não somente ao conteúdo, como também à forma do que é feito e dito, não se está em busca do que originaria dados comportamentais ou modos de ser, mas trazer esclarecimentos do seu sentido.

Portanto, para que a linguagem possa ter um acolhimento, é fundamental que ela se valha de um suporte que pode ser a própria voz, folhetos, livros, televisão, jornais, *internet*, e muitos outros. Dessa maneira, é indispensável que a escola providencie todos esses suportes aos seus educandos, ajudando-os a ampliar as capacidades de se expressar pelas variadas formas de linguagens, incluindo assim, seus currículos de maneira diferente, articulada e interativa.

Segundo McLuhan (2005), a relação interativa do homem vai além da comunicação, fato que diferencia de outras espécies que utilizam deste mecanismo para mostrar o que existe, o homem usa a fala para mostrar aquilo que não existe. Ele pode unir passado, presente e futuro, e assim, estampar realidades e possibilidades.

Frente aos novos desafios tecnológicos dos dias atuais, foi necessária adaptação para uma nova realidade contemporânea. E a utilização das ferramentas interativas pelos professores e alunos em sala de aula, permite maior disponibilidade de informação e recursos em prol dos processos educativos dinâmicos, eficientes e inovadores fomentados pelas metodologias ativas.

A utilização dessas tecnologias embasadas em metodologias ativas favoreceu o processo de ensino e aprendizagem de forma mais eficaz e autônoma, com foco no desenvolvimento humano em todas as suas vertentes e voltadas principalmente para a realidade na qual vivenciamos. Assim, muitos dos professores, imigrantes digitais, acabaram se inserindo no mundo da tecnologia. Estando em sintonia com os nativos digitais em uma forma de aprender melhor, ou, pelo menos, que lhes desperta maior interesse.

Estudantes e professores tornam-se desincorporados nas escolas virtuais. Suas presenças precisam ser recuperadas por meio de novas linguagens, que os representem e os identifiquem para todos os demais. Linguagens que harmonizem as propostas disciplinares, reincorporem virtualmente seus autores e criem um clima de comunicação, sintonia e agregação entre os participantes de um mesmo curso. (KENSKI, 2004, p. 67)

A criatividade dos professores ao se adaptarem à nova realidade é indescritível no que se trata da criação de recursos midiáticos. Assim, constata-se uma revolução educacional sobre o quanto a tecnologia tem se mostrado eficiente, e o quanto as pessoas precisam estar aptas a esse avanço tecnológico.

Portanto, “é necessário acompanhar consciente e deliberadamente as mudanças que ocorrem na civilização e que questionam profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e, sobretudo, os papéis de professor e de aluno” (LÉVY, 2005, p. 172).

Com isso, salienta-se a necessidade em refletir a presença da escola na sociedade, sabendo que ela se destina à promoção do homem. Com isso, traz-se o pensamento de Heidegger, no qual também relata a educação inserida em seu contexto social, sua aplicabilidade, sua maneira de perceber os seres humanos e suas pretensões.

Segundo Moita e Andrade (2006),

[...] o trabalho também recorre sistematicamente a Freire iniciam citando Freire, onde este questiona a rotina escolar. As autoras recorrem a Freire para fundamentar o uso de oficinas pedagógicas que possam fazer da escola pública um espaço de vitalidade. As autoras fazem referência a eixos epistemológicos deixados pelo legado de Paulo Freire para pensar a docência. Neste sentido destacam a ousadia, ou seja, a inconformidade com o estado atual social e pedagógico. Para não perder essa ousadia, apontam, baseando-se em Freire, a “formação contínua, compromisso ético, consciência profissional e motivação para esse trabalho”. (MOITA; ANDRADE, 2006, p. 2)

Para Freire, o ser humano, ao contrário dos animais, possui uma vocação ontológica do vir a ser mais intencional, e essa característica faz parte de sua função cultural, histórica e de ação do homem junto à natureza. O ser aprende e ensina com o seu relacionamento com os outros, enfim, é um ser social, que possui disposição para a inclusão.

Batista (2006) cita Freire de forma recorrente em seus trabalhos apresentados sobre a educação popular nos movimentos sociais. Em seus relatos aponta que: “Na visão freireana a educação é um processo humanizador e histórico que deve proporcionar uma práxis transformadora para libertar os homens e mulheres da situação de submissão que a sociedade capitalista lhes impõe” (BATISTA, 2006, p. 6).

Cabe ressaltar que Freire faz referência à educação libertadora, tendo um olhar político, com foco nos desfavorecidos, bem como o poder transformador deste tipo de educação, libertando os oprimidos. Corroborando com esta teoria Batista (2006) afirma:

De modo semelhante no trabalho apresentado em 2006 destaca que a educação popular “busca proporcionar aos indivíduos uma compreensão crítica que possibilite uma práxis transformadora da realidade social, políti-

ca, cultural, numa perspectiva utópica de uma sociedade igualitária, emancipadora, como ressalta Freire”. (BATISTA, 2006, p. 3)

Sendo assim, o ser humano é único e que passa por um processo de constituição durante a sua existência, capaz de assimilar as influências que exerce e sob as quais está sujeito, e com isso, pode reconstituir significados e valores de acordo com esse tempo e espaço de seu contexto espaço-temporal. Heidegger utiliza o termo *dasein*, que pode ser considerado como o ser aí, aquele que está em algum lugar, porém, apenas por estar referenciado historicamente e distendido às relações com o mundo em que se encontra. Um ser em situação, que compõe as condições não do lugar no qual existe, mas sim de seu modo de existir (Cf. HEIDEGGER, 2006).

Destarte, se entende que a educação é o melhor caminho para percorrer, os professores têm um papel de extrema importância na formação social e intelectual do aluno. Assim, a educação precisa acontecer de forma coletiva, sempre tendo como sujeito principal o aluno, a comunidade e a família. De acordo com Freire, (2001, p. 21-2), “ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho. A educação, que deve ser um ato coletivo, solidário, um ato de amor”.

Freire sempre confiou na capacidade dos homens e mulheres, e pensando assim, o mesmo apresenta a escola como instância da sociedade. Sua preocupação vai na linha do Ser-Sendo, de um engajamento contínuo na sociedade em que está inserido. O Ser é o Ser da consciência na existência. Para tanto, existe uma necessidade de que o Ser se conscientize, tenha em mente que de não pode existir só, e que é um Ser planetário no qual quer que seja as suas ações afetará, de algum modo alguém, em algum lugar, como se fora o imperativo categórico kantiano.

Com isso, compreende-se que a educação é entendida como instrumento a serviço da democratização, na qual contribui com as vivências comunitárias dos grupos sociais, com o diálogo, para formar pessoas participantes, críticas e autônomas nas suas decisões.

Logo, a educação e a sociedade precisam estar entrelaçadas, sendo parte do mesmo processo em prol do desenvolvimento do aluno em sua totalidade.

5. *Considerações finais*

Neste trabalho bibliográfico buscou-se ressaltar as possíveis contribuições que a pedagogia de Paulo Freire pode trazer para a reflexão e para a prática do ensino, na qual se apresenta como um autor indispensável para os professores, devido à heterogeneidade e às carências dos alunos, nas diferentes regiões do nosso país, apresentando-se como, por assim dizer, uma “ferramenta” fundamental para se pensar o ensino, na sua teoria e na sua prática.

Constata-se a partir da literatura que a educação, na perspectiva Heideggeriana, proporciona ao sujeito a possibilidade de autenticidade, mas para que tal processo ocorra, esse sujeito primeiro precisa se identificar como um ser-no-mundo. Assim, a educação precisa proporcionar ao ser humano a liberdade de pensar, de interpretar e encontrar sua individualidade em uma sociedade que impõe cada vez mais a perda dessa singularidade. É necessário então que se trabalhe com uma educação que valorize o aluno enquanto alguém que está se descobrindo, e que o mesmo faz parte do mundo que o cerca, mas não necessariamente precisa ser ditado por esse.

Além disso, no mundo contemporâneo cada vez mais conectado exige o desenvolvimento de conhecimentos e competências específicas que precisam ser trabalhados dentro e fora da escola. O uso da tecnologia também pode ser central para auxiliar os docentes em determinadas tarefas simples, burocráticas e operacionais e com maior impacto na aprendizagem dos alunos.

O objetivo da presente pesquisa foi alcançado, pois, refletiu-se sobre a filosofia de Paulo Freire da educação para a liberdade e autonomia, concomitante aos estudos de Heidegger. Evidenciou-se teóricos que enfocam as linguagens e suas potencialidades tecnológicas nas diferentes formas de interação e, tomando como base teorias que versam sobre a temática em pauta.

Portanto, é o papel do aluno é de estudar, visando o aprendizado a longo prazo e ao cumprimento de seus objetivos pessoais, o que requer sua participação ativa e voluntária do que a escola propõe. Assim, a escola precisa se organizar de forma que os mesmos tenham o interesse pelo conhecimento e valorizem o saber, para que também eles possam obter uma aprendizagem satisfatória e significativa durante a sua escolarização e aprenda para além de conteúdos escolares, ou seja, aprenda a atuar no mundo que o cerca de maneira crítica e consciente de seus atos.

Isso posto, observou-se que a comunicação possui importância vital para o homem, sendo uma ferramenta de integração, instrução, de troca mútua e desenvolvimento no mundo contemporâneo o qual todos estão inseridos.

Assim, a linguagem apresenta-se como um sistema pelo qual o homem comunica suas ideias e sentimentos, e a partir da fenomenologia constata-se que todo fenômeno tem a sua intencionalidade de restituir o pensamento e a liberdade do pensar autônomo citado ao longo da pesquisa por Freire e Heidegger. Trata-se de um desafio salutar, que não confere apenas saúde e vitalidade. Enfim, as contribuições de Paulo Freire e a linguagem na análise fenomenológica de Heidegger abarca uma gama de contribuições para um ensino filosófico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, F. M. *Ser clínico como educador: uma leitura fenomenológica existencial de algumas temáticas na prática de profissionais de saúde e educação*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo. Disponível em: encurtador.com.br/hwPQ0. Acesso em: 25 set. 2021. 215f.

BATISTA, M. S. X. *Os movimentos sociais cultivando uma educação popular do campo*. In: 29ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2006. Disponível em: <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT06-1780--Int.pdf>. Acesso em: 25 set. 2021.

CARNEIRO, L. E. A. Fenomenologia de Edmund Husserl e a Fenomenologia de Martin Heidegger. In: *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, v. XII, n. 1, p. 11-22, Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt Terapia de Goiânia Goiânia, Brasil, junho, 2006,

FREIRE, P. *Cartas a Cristina*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

_____. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. *Pedagogia da tolerância*. São Paulo: UNESP, 2004.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GAYATTO, M. L. C. Abertura do seminário. In. ORTH, L.M.E. (Tradutora). *O processo educativo segundo Paulo Freire e Pichon-Rivière*. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1989.

GIL, A. C. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. 12. ed. (parte I). Trad. de Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *Conferências e Escritos Filosóficos*. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 2003. 302p.

_____. *Ser e Tempo*. Trad. de Fausto Castilho. Campinas-SP: Unicamp, RJ: Vozes, 2012.

_____. *Carta sobre o humanismo*. Trad. de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2005.

_____. *Seminários de Zollikon*. Editado por Medard Boss. Trad. de Gabriela Arnhold e Maria de Fátima Almeida Prado. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

HUSSERL, E. *La crise des sciences européennes et la phénoménologie transcendantale*. G. Granel (trad.). Paris: Gallimard, 1995.

JORGE, J. Simões. *A ideologia de Paulo Freire*. São Paulo, Loyola, 1979.

KENSKI, V. M. *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. 6. ed. São Paulo: Papirus, 2004.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2000.

McLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 2005.

MOITA, F. M. G. S. C.; ANDRADE, F. C. B. *O saber de mão em mão: a oficina pedagógica como dispositivo para a formação docente e a construção do conhecimento na escola pública*. In: 29ª Reunião Anual da Anped, p. 01-16, Rio de Janeiro, 2006. Disponível: <https://www.anped.org.br/biblioteca/item/o-saber-de-mao-em-mao-oficina-pedagogica-como-dispositivo-para-formacao-docente-e>. Acesso em: 20 set. 2021.

PRADO, G. N. O escândalo do escândalo da filosofia: Heidegger como refutador do idealismo. *Cadernos PET-Filosofia: Ética e metafísica na filosofia moderna*, 10. Departamento de Filosofia da UFPR, Curitiba, 2008. Disponível: <https://pt.scribd.com/document/51522469/filosofia-transcendental-como-ontologia> Acesso em: 25 set. 2021.

VALENTIM, M. A. *Heidegger sobre a fenomenologia husserliana: a filosofia transcendental como ontologia*. Disponível em: <http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnf/article/view/282>. Acesso em: 25 set. 2021.